

O ativismo estético nas redes: ferramentas teóricas e metodológicas¹⁷

José Pinheiro Neves

CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

jose.pinheiro.neves@gmail.com

Resumo

Neste artigo, são descritas algumas ferramentas teóricas e metodológicas que permitem compreender o fenómeno do ativismo estético nas redes digitais. Intenta-se responder a duas questões centrais: 1. Como estudar, qual a melhor metodologia para compreender o fenómeno do ativismo de tipo estético nas redes digitais? 2. Quais os conceitos mais adequados para o caracterizar? Para tal, é feita uma travessia teórica e epistémica sobre as teorias dos novos média, seguida de uma análise a alguns memes ativistas que circulam, ainda que de modo periférico, no Facebook. No final, conclui-se que uso de ferramentas qualitativas de investigação-experimental, uso da auto-etnografia e o envolvimento pessoal na pesquisa, de forma ética e epistemologicamente controlada, envolve os agentes principais e, acima de tudo, a serem capazes de esboçar e comparar experimentações metodologicamente controladas e dialógicas.

Palavras-chave: ativismo; estética; redes digitais; teoria; metodologia

17 Este trabalho foi realizado com apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia através da Bolsa de Pós-Doutoramento SFRH/BPD/42559/2007.

Abstract

In this article, some theoretical and methodological tools are described that allow us to understand the phenomenon of aesthetic activism in digital networks. It is intended to answer two central questions: 1. How to study, what is the best methodology to understand the phenomenon of aesthetic activism in digital networks? 2. What are the most appropriate concepts to characterize it? To this end, a theoretical and epistemic journey is made about the theories of new media, followed by an analysis of some activist memes that circulate, albeit in a peripheral way, on Facebook. In the end, it is concluded that the use of qualitative research-experimental tools, the use of auto-ethnography and personal involvement in research, in an ethical and epistemologically controlled way, involves the main agents and, above all, being able to sketch and to compare methodologically controlled and dialogic experiments.

Keywords: activism; aesthetics; digital networks; theory; methodology

Resumen

En este artículo se describen algunas herramientas teóricas y metodológicas que permiten comprender el fenómeno del activismo estético en las redes digitales. Pretende responder a dos preguntas centrales: 1. ¿Cómo estudiar, cuál es la mejor metodología para comprender el fenómeno del activismo estético en las redes digitales? 2. ¿Cuáles son los conceptos más apropiados para caracterizarlo? Para ello, se realiza un recorrido teórico y epistémico sobre las teorías de los nuevos medios, seguido de un análisis de algunos memes activistas que circulan, aunque de forma periférica, en Facebook. Al final, se concluye que el uso de herramientas de investigación-experimental cualitativas, el uso de la autoetnografía y la implicación personal en la investigación, de forma ética y epistemológicamente controlada, involucra a los principales agentes y, sobre todo, ser capaces de esbozar y comparar experimentos metodológicamente controlados y dialógicos.

Palabras-clave: activismo; estética; redes digitales; teoría; metodología

1. Introdução

Dar-se como uma coisa que sente e agarrar uma coisa que sente, esta é a nova experiência que se impõe ao sentir contemporâneo, experiência radical e extrema (Perniola, 2005, p.21).

Este artigo tem como objetivo responder a dois problemas centrais.

1. Como estudar o fenómeno do ativismo de tipo estético nas redes digitais? Como combinar a investigação com a ação/experimentação
2. Quais os conceitos mais adequados? Como pensar a partir da ideia de hibridez, a noção de ativismo feito de deserção, o ativismo estético emergente?

A maioria dos estudos sobre o social-software, no âmbito da cultura digital e dos *cyberstudies*, adotam uma perspetiva baseada em duas ideias fortes. Primeiro: uma epistemologia positivista assente no empirismo ingénuo. Assumem que o estudo dos *new media*, nomeadamente a cultura digital, obedece às lógicas da evidência semelhante aos estudos dos fenómenos físicos. Segundo: uma divisão ingénua entre o mundo real da vida e o mundo virtual das novas redes digitais. Estas duas ideias de base devem ser criticadas.

Partimos então de uma primeira premissa: as redes não devem ser apenas estudadas como “coisas”. As redes sociais, cada vez mais eco-híbridas de humanos e não humanos, não são uma coisa empírica que apenas deve ser explicada quantitativamente. As redes sociais devem ser tratadas como coisas, glosando Émile Durkheim, até certo ponto. Para compreender a rede é necessário valorizar a autonomia, a capacidade imaginária dos diversos actantes no ecossistema (Felice, 2013, p. 64). Tal como afirma Brabham (2008), uma grande parte dos estudiosos dos novos media analisam os “fenómenos nas redes através de um paradigma empírico que assume que são uma coisa real, uma

essência que pode ser conhecida” (Brabham, 2008, p. 23). Ora, esta abordagem necessita de ser melhorada pois impede um conhecimento aprofundado das redes emergentes. “O problema dessa abordagem, a abordagem empírica das novas mídias, é que ela pretende congelar os fluxos e a interatividade de pessoas e idéias num momento concreto e presente como um objeto de estudo” (Brabham, 2008, p.24). De acordo com Corrêa (2008, p. 312), José Luís Braga (2008), Vilém Flusser (2011), Marshall McLuhan (2001), Jean Baudrillard (1988) e Roland Barthes (2015) defendem a premissa de que a produção de conhecimento no campo da comunicação não pode ser similar ao usado nas ciências naturais, pois é necessário interpretar e criar significados. Os atores sociais são autoconstruções mentais em redes complexas, em ecossistemas de ação e significação, não são um objeto empírico de estudo bem delimitado e sincrónico.

A opção anterior implica um processo de observação da prática, de associação dos significados, uma ciência mais baseada no indicial (Ginzburg, 1990):

Uma contribuição significativa de Flusser, juntando-se a outros pensadores apontados por Braga (2007), é a visão de que a produção de conhecimento em Comunicação não pode ser similar àquela das ciências naturais, pois para ele há uma disciplina interpretativa, tendo que criar significados. Com isso, podemos concluir que os fenômenos comunicacionais não são coisas fechadas em si mesmas, mais sim objeto de observação caso a caso. Por sua diversidade, não são, no dizer de Flusser, “a mesma coisa”, portanto há que se observar uma sucessão de fenômenos para encontrarmos as singularidades em comum. É deste processo de observação da prática, da associação dos significados que se produz o conhecimento. (Corrêa, 2008, p. 312)

O segundo ponto que sustenta os estudos tradicionais sobre redes, é a defesa de uma divisão dominante entre o mundo dito “real” e o mundo “virtual” ou “digital”. Segundo Fischer (2008), a produção de conhecimento nos novos media efetua-se também no real, faz-se na vida misturando-se com outras redes e criando híbridos sociotécnicos. Ou

seja, o ciberespaço não é imaterialidade sendo antes um espaço também “real” eletrônico de circulação da comunicação e da sociabilidade, que possui a mesma “materialidade de efeitos” dos simulacros na linha de Baudrillard (1988, p. 184), feito de interatividades e de abundância de hiper-real. É um outro real onde predomina a “interatividade” e o simulacro em vez da interação entre “corpos”. Um outro ecossistema.

2. Como estudar o ativismo de tipo estético nas redes digitais?

De acordo com Fischer (2008), a questão principal não é a diferença entre o real e o virtual invasor, “não é a resistência da realidade versus um mundo paralelo virtual triunfante ou um real que está desaparecendo no virtual, mas a hibridização próxima e criativa entre a realidade e seu poderoso simulacro digital em expansão” (Fischer, 2008, p.18). O mundo virtual apenas poderá ser estudado a partir da sua hibridez, da sua articulação com redes do mundo “real”, como simulacros poderosos em expansão, imaginários que nos moldam na sua hiper-realidade.

A abstração de hoje já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é a de um território, de um ser referencial ou de uma substância. É a geração por modelos de um real sem origem ou realidade: um hiperreal. O território já não precede o mapa, nem sobrevive. Doravante, é o mapa que precede o território – precessão de simulacro – é o mapa que gera o território e se hoje reavivarmos a fábula, seria o território cujos fragmentos estão lentamente a apodrecer em todo o mapa. É o verdadeiro, e não o mapa, cujos vestígios subsistem aqui e ali, nos desertos que já não são os do Império, mas os nossos. O deserto do real em si. (Baudrillard, 1988, p. 166)

2.1. Evitar o empirismo e a dicotomia real/virtual

Tal como defende Recuero (2017), as redes apresentam os seus perigos derivados da valorização da dicotomia real/virtual. O Facebook, em si, não apresenta redes sociais, não é suficiente para consolidar uma rede:

o Facebook, por si só, não apresenta redes sociais. É o modo de apropriação que as pessoas fazem dele que é capaz de desvelar redes que existem ou que estão baseadas em estruturas sociais construídas por essas pessoas. (Recuero, 2017, p. 16)

De algum modo, a componente mais técnica pode ser importante numa lógica viral de quantidades, mimética, pois ampliam a ressonância de redes de ativismo já existentes. Podem aumentar a sua visibilidade (um dos capitais sociais baseado na quantidade de relações), podem, no limite, ampliar a sua ressonância e provocar algum envolvimento:

os sites de redes sociais somente são eficientes para o gerenciamento do capital social mais básico [o relacionamento, a visibilidade]. Eles são, por exemplo, capazes de manter uma rede social, mas não de aprofundar os laços dessa rede. Para isso, é preciso a participação ativa dos atores sociais envolvidos. Assim, o uso dos sites de redes sociais para a construção de capital social é eficiente e modificador apenas para o primeiro nível, ou seja, influenciar os valores mais direcionados à construção e à manutenção da rede dos indivíduos. (Recuero, 2014, p. 115)

Contudo, e este é um argumento fundamental para os ativistas, quando se pretende consolidar essas redes, não é suficiente o dito “virtual” das redes digitais como o Facebook, ficar apenas pelo capital social. Há algo de mais profundo. Existe a necessidade das relações de interação, relações de face a face. De passar das afeições que marcam a interatividade, aos “afetos” da interação que implicam corpos, comunicação analógica, como defendiam os autores da Escola de Palo Alto (Bateson, 1972). Com efeito,

já os valores associados ao segundo nível, voltados para a institucionalização de um grupo social, não são facilmente construídos e nem facilmente

obtidos nas redes sociais. São valores de grupo, associados à presença deste e aos atores que ali estão. (Recuero, 2014, p. 115)

Neste sentido, procura-se uma comunicação mais saudável onde o “grupo” ou “comunidade” seja um elemento agregador numa tensão permanente e gerida entre autonomia e coletivo.

2.2. Uma ciência “indicial” dos fenómenos emergentes

Elizabeth Corrêa (2008, pp. 312-313) defende que os *new media studies* apresentam uma série de características que requerem uma epistemologia e uma metodologia específicas para o seu estudo assente na inserção do estudo dos new media no campo da comunicação; na tríade complexa da tecnologia/comunicação/sociedade; na vinculação entre a teoria e a prática. Um novo modelo epistemológico deve, por isso, seguir estas orientações: o estudo de casos singulares; a busca de indícios que remetem a fenómenos não imediatamente evidentes; a distinção entre indícios essenciais e acidentais; a articulação entre os indícios selecionados; a derivação de inferências.

Desta forma, é necessário efetuar um levantamento extensivo e detalhado dos traços caracterizadores do objeto, uma redução do objeto aos seus elementos mais significativos, uma separação dos indícios essenciais dos acidentais por meio de tentativas e uma articulação dos conjuntos de indícios que possibilitem as inferências sobre o fenómeno. Temos então aqui presente uma tríade: situação empírica, bases teóricas e problemas de pesquisa.

De acordo com a autora (Corrêa, 2008), e também para autores como Fidler, Hayles, Lunenfeld, Janet Murray, Lev Manovitch, Bolder, Jenkis & Thornburn, Salaverría e Bertocchi, a comunicação em rede é policrónica e multidirecional.

A comunicação por meio das redes digitais interativas se caracteriza, em primeiro lugar, pela ruptura de dois condicionantes clássicos de toda a Comunicação: o tempo e o espaço. As mensagens na rede possuem elasticidade temporal e não estão submetidas às distâncias físicas. Nesse

sentido, a comunicação em rede se caracteriza pelo policronismo e pela multidirecionalidade. (Salaverría citado em Corrêa, 2008, p. 314).

O autor define policronismo como as múltiplas possibilidades de relação temporal que se produzem entre a emissão e a recepção das mensagens no ciberespaço; e por multidirecionalidade como a possibilidade de transmissão de mensagens de um ponto a outro, de um ponto para muitos outros e, de muitos pontos para muitos (Salaverría citado em Corrêa, 2008, pp. 314-315).

Perdido e Tateando como cego num labirinto em que os sujeitos e as identidades perdem a sua estabilidade, devido, em grande parte, à crise das ligações de que as redes sociais são um sintoma, o método a seguir, para compreender estes híbridos sociotécnicos, assemelha-se ao do detetive (ou do médico da aldeia) que procura indícios, optando por uma outra forma de ser ciência social, uma epistemologia indicial dos fenómenos emergentes (Ginzburg, 1990)¹⁸.

É algo inspirado nas formas primitivas de caça em que se procura muitas vezes intuitivamente criar uma imagem clara do objeto de estudo, com o empenho de um caçador, sabendo ler os sinais corretos, e as pistas.

Depois de referir os processos da caça primitiva como provável origem desse modelo de conhecimento, Ginzburg observa seu desenvolvimento histórico através de variados saberes práticos e de disciplinas de conhecimento – sempre com base na relação fundamental entre indícios e percepções mais gerais. Mostra assim como se chegou, a partir de indícios concretos, em circunstâncias específicas, a um conhecimento de ordem superior ao descritivo, levando à percepção de realidades mais complexas sobre o fenómeno singular. (citado em Braga, 2008, p. 78)

18 A epistemologia de uma ciência indiciária não é apenas um resultado da crise atual nas ciências humanas. Remete para um debate que começou no momento de criação da ciência moderna. Os argumentos do historiador Carlo Ginzburg (1990), criador da micro-história e da ciência indicial, referem por várias vezes que a crise do modelo linear esteve presente desde o início do método científico moderno com Francis Bacon e Isaac Newton.

2.3. Uma analítica da atualidade e as experimentações: figura e constelação

Na mesma linha de pensamento, também se poderá pensar uma ciência indicial, partindo de uma “metodologia” crítica, uma prática constante e quotidiana de uma analítica da atualidade (Miranda, 2002), uma cartografia das ligações. Entender, numa analítica que se quer empírica e empenhada, o que nos afeta não como um mundo de abstrações, mas como fluxos de potencialidades que, na linha constante do presente da história, morrem ou sobrevivem. A atualidade remete para esse mundo de atualizações no corpo e no coletivo que acontece na sua dupla condição de imaterial em vias de se concretizar “materialmente”. A analítica implica fazer a cartografia minuciosa do grau destas (des) cristalizações, dando conta simultaneamente dos seus movimentos entre o individual e o coletivo.

Nesse sentido, a percepção figural assume justamente um papel determinante. É uma forma de pensar que se afasta da evidência da “presentificação” do que é o evidente “real” do facto, da dicotomia entre real e virtual, para seguir o caminho da “aceitação da prioridade da experiência, mesmo ontológica, da materialidade em que ela se “cristaliza” dando oportunidades a outras figuras, a outros tipos e a outras maneiras do ‘real’” (Miranda, 2002, p. 57). A percepção figural é o ponto de partida de uma metodologia que nos permita a compreensão do “outro” na sua expressão. Na verdade, “a análise figural perturba irremediavelmente o imperativo metódico, exercitando aquela peculiar “fenomenologia do inaparente”, almejada por Heidegger e por ele nunca praticada, pelo seu “desgosto” niilista com o “presente”, a modernidade” (Miranda, 2002, p. 57).

Poderíamos aqui partir de uma alegoria figural de Walter Benjamin, a da constelação como uma espécie de “figural”. Para mostrar a força e a fraqueza paradoxal de que ela é atravessada, uma tensão que a leva ser justamente um saber e uma experimentação contemporânea:

as ideias relacionam-se com as coisas como as constelações com as estrelas. Isto significa desde logo que elas não são nem os conceitos nem as leis das coisas. Não servem para o conhecimento dos fenómenos, e estes de nenhum modo podem servir de critério para a existência das ideias. (Benjamin citado em Bogalheiro, 2020, p. 122)

A constelação das estrelas são como uma gestalt, uma imagem que não é o que representa. É um desenho imaginado como a constelação da Ursa Maior: parece o esboço da imagem de uma urso. É uma configuração, é “uma intervenção sobre o aparecer, articulando ideia, coisas, conceitos e imagens” (Miranda, 2017, p. 23). Criar constelações é também uma praxis que permite novas atualizações antes reprimidas, novas emergências, novas configurações.

Neste sentido, as constelações mais do que representarem ou organizarem, acrescentam, alteram, produzem. Mais do que uma teoria ou um método, a constelação é o próprio objeto, enquanto construção que se acrescenta ao real e desafia a sua temporalidade, enquanto nova organização que traz à visibilidade possibilidades virtuais nele inscritas e reprimidas. (Bogalheiro, 2020, p. 122)

2.4. A auto-etnografia e a análise qualitativa dos memes e posts no Facebook

É possível e muito enriquecedor, teórica e vivencialmente, partir da nossa experiência pessoal como fonte de informações relevante numa investigação. Desenvolver uma auto-etnografia no Facebook baseada na experiência de interação com a rede de amigos. Basear-se noutros estudos. No meu caso, foi o estudo relacional do *cyberbulliyng* nas redes sociais¹⁹. Recolher memes e entrevistas aprofundadas, testemunhos de uma forma de ativismo em “multitudes” que criam lentamente laços de forma rizomática, pois escapam, em grande parte, às instituições tradicionais ligadas às Empresas, Estado ou Religiões. No caso das

19 Ver Neves & Pinheiro (2009). Ver também Pinheiro, Neves & Martins (2012) e Neves e Costa (2020), e a auto-etnografia e a investigação-ação na figura do “Pesquisador Insider” em Santos (2017), Amaral (2008) e Hodkinson (2005).

ativistas marcadas pela revolução de costumes em finais do século XX: artistas de rock dos anos 80, ativistas (artivistas) do cinema e outras artes audiovisuais, jovens professores ecologistas, jovens empresários ligadas a associações e a atividades regulares de divulgação ecológica, mulheres escritoras eco-feministas que, em redes mais ou menos informais, falando no Facebook sem medo, organizando encontros de diálogo e meditação para mulheres ativistas e docentes universitários; jovens precários, com formação universitária, fazendo documentários através do Facebook; jovens mães precárias licenciadas e mestres em ciências sociais e medicina não-convencional que fazem terapia não convencional nas suas redes de amigos; psicólogos admiradores dos golfinhos que, após se apaixonarem por uma desconhecida através das redes sociais, abandonam a carreira universitária para fazerem terapia em pequenos grupos na internet.

Será que elas e eles possuem algo em comum? As entrevistas e os estudos sobre os laços na internet indiciam essa realidade. É a forma como abandonando o modelo do “militante ativista”, fazem uma deserção micro-ativa, deixando memórias e afetos. A sua pegada eco-afetiva. A sua “estética”.

Os memes que criam e partilham através da rede social Facebook são um sintoma desse fenómeno mais geral de tomada de consciência caracterizada por um otimismo cruel. Todos eles vivem de algum modo num mundo da pós-internet, vivem uma eco-estética política baseada nos afetos (Neves, 2020)²⁰.

Faz todo o sentido o investigador e ativista envolver-se pessoalmente na pesquisa, de forma ética e epistemologicamente e rigorosamente controlada, envolver os “actantes” principais e, acima de tudo, ser capaz de esboçar e comparar experimentações metodologicamente controladas e dialógicas.

20 Ver também o *Manifesto da arte pós-internet*: “Nunca antes, como agora, tivemos tantas obras de arte que foram criadas para permanecerem ocultas. O ‘pós-internet’ significa acreditarmos que o fim do evento chamado ‘internet’ está no horizonte. A arte pós-internet representa o mais recente episódio na longa trajetória de respostas artísticas para mudanças nas forças de representação e na evolução da tecnologia de mídia” (Heidenreich, 2016, pp. 1-2).

3. Quais as melhores teorias? Que conceitos utilizar? Qual a problemática?

Antes, alguns pequenos esclarecimentos propedêuticos: o conceito de “rede”. Associa-se a noção de rede a algo formal. Algo que tende para o instituído. Mas podemos pensar de outra forma. Pensar que vivemos imersos em redes de todo o tipo que nos agregam em maior ou menor grau, que nos tentam capturar.

Nesse sentido, a noção de ativismo, de origem anglo-saxónica, distingue-se da noção de “militante” preferida por vários estudiosos de língua francófona. Neste trabalho partimos de uma noção de ativismo mais ampla.

De acordo com o dicionário, o ativismo “significa defender algo. No sentido filosófico, pode ser descrito como qualquer doutrina ou argumentação que privilegie a prática efetiva de transformação da realidade em detrimento da atividade exclusivamente especulativa” (Wikipédia, 2019, s.p.). Ativismo tem, por isso, como ponto de partida, a ideia de “estar ativo” nas redes sociais.

O conceito de “rede social” terá de partir cada vez mais de numa hibridez sociotécnica, mas num sentido amplo que não se confunde apenas com as redes digitais. Uma rede que se pode caracterizar pelo seu maior ou menor grau tecnológico, estudando o elemento tecnológico como tendo possibilidades ativas, como criando nos humanos, pela sua ativa natureza mineral, afinidades comportamentais.

3.1. Info-ativismo e redes sociais

Numa palavra, redes de ativismo que tomam consciência desse aparelho tecno-político ou como processos de hibridez político-sócio-técnica (Latour, 2006). É um ativismo que se apercebe de forma contemporânea da complexidade do ser ativista e da necessidade de o ativismo informativo mostrar como a resistir à lavagem ao cérebro (assustadora!) do *neuromarketing* apoiado na “astúcia empresarial” (Felinto, 2013, p. 11) e nos grupos políticos dominantes.

De alguma forma, a palavra “informativo” remete para uma formação que se orienta pela procura da verdade. É um ativismo contemporâneo que não se deixa ofuscar pela luz. O que vê o negro como uma possibilidade emergente. E atento ao lado negro do mundo, procurando, e sabendo que nunca o alcançará, a luz que caminha para si cada vez mais atrasada.

Pertence realmente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com aquele, nem se adequa a suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual. Mas, justamente por isso, a partir desse afastamento e desse anacronismo, é mais capaz do que os outros de perceber e de apreender o seu tempo. (Agamben, 2009, p. 1)

Por isso, e se tivermos em conta que, nos tempos que correm, essas redes são cada vez mais mediadas pela linguagem dos novos *media*, o ativismo tende a ser, justamente e cada vez mais, um ativismo que acontece nas redes digitais.

Qual a forma como essas redes, de uma espécie de net-ativismo “informal”, se podem agregar, ganhando uma dimensão política, podendo ter visibilidade no espaço da cidadania no seu sentido mais amplo que inclui todos os agentes do coletivo mais abrangente? Quais as ferramentas que utiliza?

Partindo dessa noção mais ampla de net-ativismo, nesses novos comuns mais abrangentes, emerge um info-ativismo que não se reduz nem a um proselitismo acrítico, nem a uma atração significativa pela tecnologia. Recusa um ativismo que tende a ser recuperado pelos aparelhos molares das empresas e do Estado moderno.

É o caso, por exemplo, da maneira como os jornais passaram a usar os blogues, cuja lógica lhes era antitética; ou como as empresas usam os meios interativos para efeitos puramente comerciais, ou como o Estado usa meios de vigilância eletrônica através da rede ou de monitorização das bases de dados, etc. Parece claro que a ‘colaboração’ ou ‘interatividade’ não serve de critério para o ativismo em rede, podendo mesmo dissimular a sua verdadeira natureza. (Miranda, 2010, p. 255)

Um ativismo que pretende transformar as informações visando ações práticas. De acordo com Froes (2012), o info-ativismo centra-se

em torno do uso que as pessoas podem fazer dos aplicativos e plataformas de redes sociais, como blogs, o Google Earth, o Twitter, o Flickr e, claro, o Facebook, para transformar as informações postadas e compartilhadas na web em ações práticas capazes de transformar uma realidade que pode ser a sua, a de um amigo, ou a de qualquer outra pessoa. Info-ativismo, portanto, nada mais é do que isso: um processo de transformação da informação virtual em ação real. (Froes, 2012, p.23)

O ativismo estético (como um tipo de info-ativismo) insere-se nesta ideia de “transformação”, mas centrada no choque, no sentido etimológico inicial da palavra: ferir, deixar uma marca, um punctum (Barthes, 2015). Assume o valor contingente desta atração fatal pelas tecnologias. Esta estranha e perigosa ligação tecnológica. É uma ligação que apenas pode continuar através do afeto, da criação de uma solidariedade em torno do sentimento de otimismo cruel. Um ativismo que é otimista e realista. Um efeito em tempo de mudança acelerada no acesso à informação. Tal como diz uma das entrevistadas na investigação, no limite, trata-se de criar novas formas de espaço público, de detetar as emergências dessas novas redes de visibilidade, espaços de atenção que não sejam dominados pelos *media mainstream*.

O ativismo na informação, ou info-ativismo estético e crítico, pode ser entendido como uma divulgação de uma tomada de consciência de que nós todos não somos apenas recetores passivos de uma modelagem da nossa forma decidida por uma minoria. Não se trata de etiquetar numa lógica de compartimentação, mas antes em pensar a noção de ativismo em termos de grãos de intensidade na pós-internet que se anuncia.

3.2. Memes, net-ativismo e info-ativismo “ecológico” e estético

O que é um meme? Pode afirmar-se que um meme de Internet “é tudo aquilo que os utilizadores da Internet repetem, simplesmente uma

ideia que é propagada através da World Wide Web”. Concretizando, essa ideia “pode assumir a forma de um hiperlink, vídeo, imagem, website, hashtag, ou mesmo apenas uma palavra ou frase. Este meme pode-se espalhar de pessoa para pessoa através das redes sociais, blogs, e-mail direto, fontes de notícias e outros serviços baseados na web tornando-se geralmente em viral” (Wikipédia, 2019, s.p.).

Ora, todos sabemos pela experiência de vida que a forma como estamos nas redes sociais pode ser visualizada através dos memes que emitimos (ou reenviamos) e com quem interagimos. Diz-me como estás, que memes envias e com quem estás no Facebook [e fora dele] e dir-te-ei quem és. Continuamente, e de forma acelerada nos últimos tempos, enviamos memes, marcas nas perceções dos outros. Para muitos que se deixam apanhar pela armadilha da popularidade do número, a memória que querem passar é a do otimismo do consenso normalizador, o que conta é o número de *likes*, o ser popular, o enviar memes populares. Querem aumentar a sua visibilidade. Como se um “Big Brother” ou um “Big Other” (Zuboff, 2015) definissem a norma de comportamento mais aceitável e popular: ter muitos *likes* e muito “engajamento”.

Mas há quem, como ativista virado para dentro, se defina pela lógica do otimismo pessimista e pela recusa da agressividade eufórica. Como diz Juan Carlos Monedero (citado em Hernández, 2014), numa entrevista ao jornal El País, a propósito da série da TV “Jogo de Tronos”, há os que sentem que o poder deve ser pensado na sua relação com o não-poder, o pacifismo e a não-violência ativa. Segundo Monedero, o poder mais dialogante e poderoso é seu oposto, o poder do agonismo, é a ética do perdedor, da resistência. Não porque se negue a crueldade cada vez maior de um modo de vida associado à mercantilização como denunciam os agressivos eufóricos, mas porque mesmo na situação mais aviltante é possível aprender a perder e, de forma paradoxal, a “ganhar” (Hernández, 2014). Evitar as dicotomias do vencedor e do vencido. Não pensar em vitórias a curto prazo. Não pensar apenas no capital social, no número de likes.

De facto, esta luta entre os memes pela sua sobrevivência tem uma dimensão política. Numa sociedade tão complexa como a nossa, a questão do “poder” não deve ser limitada a um mero jogo de tronos assente em personagens mais ou menos carismáticos. E, por outro lado, a questão do político, como defende o politólogo Juan Carlos Monedero, penetra por todos os poros, visto que o nosso quotidiano, as pequenas decisões que tomamos todos os dias sobre como ocupar o tempo, vão constituir o cimento em que assentam os grandes coletivos.

Nesse sentido, a definição de info-ativismo “ecológico” e estético poderá ser mais útil do que a de net-ativismo (Carretta, 2013). A noção de net-ativismo é vaga. Apenas se refere a um ativismo através de um meio digital, das redes digitais. Neste caso, o info-ativismo tem um maior alcance. Pela definição da organização internacional Tactical Technology Collective, fundada em 2003, “infoativismo significa o uso efetivo de informação e práticas de comunicação para engajamento e defesa de causas” (Carretta, 2013, p. 48). Isto é:

1. Não se trata de um ativismo ligado aos aparelhos molares. É um ativismo molecular, grupos de ativistas e ONG’s, mas que também inclui múltiplas experimentações híbridas (técnicas e não técnicas) de coletivos que se espalham como um vírus²¹.
2. Assume-se como in-formativo e não apenas baseado nas notícias, não é informativo no sentido restrito do termo. Não é um noticiário com apenas uma lista de informações. Quer afetar, quer ser viral. Tem intenções estéticas, quer “ferir”, tocar o outro com afetos ou com humor.
3. É uma ação. Destaca-se o papel do “meme” como marca, como ato estético de afetos, que poderá passar para os afetos coletivos.

21 Inspiro-me em Gilles Deleuze e Félix Guattari. “[...] a existência de duas políticas: a macropolítica molar e a micropolítica molecular. A primeira envolve grandes conjuntos binários, enquanto a segunda opera segmentações finas. Não são as mesmas formas de agir, os mesmos objetivos, nem a mesma maneira de lutar. Por exemplo, as classes sociais são organizações molares, enquanto as multidões são realidades moleculares. Não é exato dizer que a classe é fruto de um simples retalho da multidão – isso é verdade, mas apenas em um nível bastante elementar. Na verdade, a classe é uma cristalização da multidão, expressa um endurecimento operado sobre as linhas mais fluidas” (Alvim, 2012, p. 305).

4. Estamos perante um info-ativismo estético que partindo do individual, não negando o valor do individual, cria novos coletivos de afetos alargados, afetos virais, o transpessoal que combina a individualidade do local com o coletivo do global. “A singularidade burila-se e alcança seu apogeu no atuar conjuntamente, na pluralidade de vozes” (Virno, 2009, p. 38).

Podem distinguir-se três momentos no processo de info-ativismo: a disseminação/transmissão, o uso e a apropriação/consumo da informação.

a) Disseminação

Com a sociedade em rede, “com maior volume de dados, velocidade de acesso e autonomia do usuário (produtor/disseminador/consumidor) sobre a circulação de informações” (Virno, 2009, p. 38), mudou o processo de disseminação, ou seja, o tornar público.

Outras transformações: surgem “diferentes formatos (vídeos, áudios, fotos)”; “novos canais de disseminação (sites, blogs, fóruns)”; “interação síncrona e assíncrona com usuários dispersos geograficamente”; “democratização da ação de disseminar, permitindo que usuários de informação promovam voluntariamente a disseminação”; “uso de diversas tecnologias para entrega de pacotes informacionais (email, RSS, alertas automáticos, redes sociais)”; “uso de diferentes ferramentas de retroalimentação (enquetes, formulários e questionários *online*)” (Carretta, 2013, p. 43).

b) Uso

Consideram-se as seguintes dimensões no uso da informação no ativismo:

A relação (pessoa e informação), intenção (objetivos e expectativas), contextos internos (afetivos e estados cognitivos) e externos (tarefas e componentes sociais e culturais), inferência (avaliação sobre a relação com

a informação), seleção (processo que maximiza ou minimiza resultados), interação (atributos e contexto que podem mudar) e medida (graus de avaliação da eficiência de uma informação).

Por este conjunto de atributos, podemos entender que a maneira como uma informação adquire relevância para uma pessoa dependerá de condições cognitivas, emocionais e sociais. (Carretta, 2013, p. 45)

No caso dos memes do info-ativismo, são de destacar as condições emocionais, os modos e afetos. Tal como afirmam Allard e Blondeau (2007, p. 47), as formas de expressão do ativismo estético implicam uma ligação emocional que tenta ser “afeto” solidário, evitando a lógica da dependência e do paternalismo. Exemplo de uma mobilização em que as dimensões emocionais e políticas foram marcantes, são:

nos protestos populares contra o aumento das tarifas de ônibus, inicialmente focados em São Paulo, podemos dizer que, ao promover atributos suficientes de contexto, intenção e interação, as redes sociais disseminaram informações suficientes (vídeos, áudios, fotos e textos) que adquiriram relevância para esclarecer, integrar, associar e mobilizar pessoas. (Carretta, 2013, p. 45)

c) Apropriação

Segundo Barreto (citado em Carreta, 2013, p.), a fase de apropriação remete para o aspecto “formativo” do info-ativismo. Há uma modificação, uma transformação, uma criação. Diga-se que,

a apropriação da informação, fim fundamental de um processo de conhecimento, revela um ritual de interação entre um sujeito e uma determinada estrutura de informação, que gera (no sujeito) uma modificação em suas condições de entendimento e de saber acumulado; a apropriação representa um conjunto de atos voluntários, pelo qual o indivíduo reelabora o seu mundo modificando seu universo de conteúdos. É uma criação em convivência com suas cognições prévias e com sua percepção; é um início de algo que nunca iniciou antes e que resultará sempre em uma modificação como consequência do processo, ainda que

possa ocorrer uma volta e permanência ao seu estado inicial de saber. (Carreta, 2013, p. 45)

A informação como “coisa” e não apenas como “notícia” ou “texto”. Na visão do info-ativismo parte-se da ideia da “informação como coisa”, isto é, “um objeto que não está definido apenas pela característica textual nem possui uma definição restrita ao formato, meio onde está presente, mas se configura por sua funcionalidade enquanto objeto de informação (algo ou coisa com característica informativa)” (Carreta, 2013, p. 42). A noção de meme pode ser algo semelhante. Uma coisa que “in-forma”, que afeta.

3.3. Info(eco)ativismo na rede lusa do Facebook

A ideia de um novo tipo de ativismo surgiu a partir do estudo de algumas páginas do Facebook em Portugal que não se reduzem a uma lógica reducionista e tecnológica de “net-ativismo”, nem a uma lógica de proselitismo acrítico ligado às agências de marketing dos partidos políticos (ver o meu outro texto neste livro). No fundo, não se identificam com os “neuromarketeiros”²². Um “net-ativismo”, sugerindo que o prefixo “Net” que significa “Rede da Internet” seja substituído pelo de “Info”. Não se trata de estudar “apenas” o ativismo que se desenrola na Net”. Ou seja, o ativismo que utiliza o suporte “físico” da “Internet”. Trata-se de todo o ativismo que está mais preocupado com o meio do que com o conteúdo. Se, por um lado, fomos educados para considerarmos mais importante o conteúdo do que a forma, as novas formas de “informar” (onde a noção de formar é mais importante...) colocam-nos desafios desarranjando essa percepção tradicional que caracterizava, por exemplo, os primeiros anúncios publicitários: o poder do referencial.

22 Mostrando um comercial da marca de comida para gatos Friskies, ele afirmou que os memes da internet são apropriados pelo que chama de “neuromarketeiros”, pessoas que tentam reproduzir o efeito viral dos memes através de técnicas artificiais. Contudo, não se trata de uma imagem apenas, mas de uma sensação. “Esses neuromarketeiros não estão preocupados com o sentido, mas com os afetos criados pelas técnicas de marketing. O neuromarketing trabalha com a materialidade dos sentidos. Passaram da fase do significado para a dimensão do corpo. Não é caracterizado por uma racionalidade (TCAV, 2013, p.56).

3.4. Info-ativismo híbrido como alternativa ao conceito de Net-ativismo

A definição de info-ativismo híbrido poderá ser mais útil do que a de net-ativismo. Permite reconhecer o carácter híbrido de todas estas ligações. O seu carácter mais ou menos ciborgue, sublinhando a necessidade de uma ecologia mais abrangente. Destaca-se o papel do “meme” como marca, como ato estético de afetos, que poderá passar, numa lógica de imitação viral, para os afetos coletivos. Estamos perante um info(eco)ativismo estético, criando novos coletivos, o transpessoal que combina a individualidade com o coletivo (Virno, 2009). A estética política dos “memes” remete para uma visão ecológica, ecocrítica, uma nostalgia da conexão sagrada entre os seres humanos e o planeta. Um novo comum. São apresentados alguns testemunhos desta forma de ativismo em “multitudes” que se organizam de forma rizomática usando diferentes meios de comunicação digitais e não digitais. Um “povo por vir”, a formar. Como mencionava Gilles Deleuze (citado em Negri, 1997, p.34), “nós temos de criar o povo por-vir”.

Sugiro que se repense a própria palavra “informação”. Um ativista centrado na informação, no seu sentido mais lato de uma formação que se deixa marcar: uma marca, um “grama”. Um meme. Um vírus?

Inspirado em Gilles Deleuze e por um dos fundadores da sociologia, Gabriel Tarde, Sampson (2012) defende a ideia de que as nossas interações não têm necessariamente de ser pensadas de forma dicotómica: ou estamos juntos em acordo ou somos adversários²³. Adotando o pensamento de Gabriel Tarde, “não se exclui, por exemplo, a possibilidade da convivência paradoxal entre conflito e cooperação” (Felinto, 2013, p. 11).

Também discorda de um dos fundadores da Sociologia que se opôs a Gabriel Tarde, Émile Durkheim (Costa, 2021). A integração não tem de partir do institucional para o individual. Pode haver uma outra lógica micro de tipo viral. O pequeno (o viral) pode afetar o equilíbrio

23 Ver a teoria de ator-rede de Bruno Latour em Neves e Costa (2010).

das grandes e complexas dinâmicas sociais, como, como foi o caso da pandemia do Covid-19 (Costa, 2020a). Podem surgir erros e ruído nos processos imitativos. Microrelações que se apoderam do global. Paradoxalmente, e contrariando a visão integradora de Durkheim, “são os aspetos mais desterritorializados do agenciamento que tomam controle dos estratos mais territorializados” (Sampson citado em Felinto, 2013, p. 11).

De algum modo, esta mudança no olhar sociológico terá consequências políticas relevantes. Surge uma interrogação: “Em que medida os acidentes e desvios do molecular podem ser incorporados à ordem organizadora do molar? É uma questão fundamental para o mundo corporativo do capitalismo tardio, e o chamado “neuromarketing” constitui a mais recente prova da astúcia empresarial” (Felinto, 2013, p. 11). Ao contrário do ativismo tradicional de “esquerda” inspirado no modelo referencial do século XX (comícios, meetings, jornais, etc.), o capitalismo da informação e da vigilância aprendeu a usar a lógica do contágio e da viralidade (Zuboff, 2015).

Segundo Tarde (1978), deve-se evitar pensar dicotomicamente entre o micro e o macro, o molecular e o molar. Deve-se também abandonar a “separação radical entre natureza e cultura, biológico e simbólico, individual e coletivo, humano e não-humano” (Felinto, 2013, p. 11).

A noção de meme é fundamental para se compreender as mediações em ambiente digital como o Facebook. Todos nós sentimos já a sedução que produzem em nós alguns “memes” através do seu sentido de humor, da inteligência coletiva e ecológica. Milhões deles perdem-se rapidamente no anonimato (Costa, 2020b-c-d-e). Apenas alguns são partilhados de forma mais extensa, espalhando-se na rede por contágio como se fossem um vírus biológico.

Mas afinal o que é um meme? O conceito de meme foi criado por Richard Dawkins (1976), no livro “O Gene Egoísta”. A partir de uma abordagem evolucionista, Dawkins, compara a evolução cultural com a evolução genética, onde o meme é o “gene” da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, isto é, as pessoas.

Um ‘meme de ideia’ pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro. O meme da teoria de Darwin, portanto, é o fundamento essencial da ideia de que é compartilhado por todos os cérebros que a compreendem (Recuero, 2012, p. 2).

A ideia de que nós, os humanos, não somos o centro, cria uma sensação incômoda. O próprio Darwin, sendo um religioso tradicional, sentiu na pele a angústia da sua descoberta revolucionária que abalava os monoteísmos dominantes.

De algum modo, um meme pode ser considerado a unidade significativa que atua por contágio no meio do fervilhar da rede.

Esses conceitos salientam a analogia do meme com a da teoria da seleção natural, como elementos capazes de replicação, que estão sujeitos a uma seleção e que podem variar no tempo, características que Dennett (2005) associa à evolução. A partir dessa perspectiva, Dawkins enumera, como características essenciais do meme, enquanto replicador: a longevidade, a fecundidade e a fidelidade das cópias. A longevidade é a capacidade do meme de permanecer no tempo. A fecundidade é sua capacidade de gerar cópias. Por fim, a fidelidade é a capacidade de gerar cópias com maior semelhança ao meme original. (Recuero, 2012, p. 2)

Os memes que criamos todos os dias, na rede das redes, devem ser vistos como estruturalmente doentes, passíveis de se perderem na entropia do mundo das emoções e dos egos. É uma marca que apresenta um defeito essencial: é pensado a partir da teoria cibernética de Shannon (1948).

E onde está o problema? É visto como informação unilateral que se deixa capturar pela lógica da informação reduzida à sua performance. Esquecem a etimologia de “grama ou marca” que é sempre um diferir. Até finais do século XX, o meme da “notícia” era o elemento singular da ecologia dos média social dominado pela imprensa. Nas comunidades pré-modernas, o meme era a fábula, a história contada pelos vizinhos. Uma espécie de diário público feito de narrativas. Das narrativas fundamentais e doutras mais passageiras. Com as redes digitais, o

post, como meme, constitui um dos elementos centrais da ligação. Se é possível acentuar a gênese biológica dos memes de internet, também não se pode olvidar a importância dos outros componentes mais sociais, como seria a experiência afetiva.

Segundo Felinto (2013), nos memes, muitas vezes, a intenção de “informar”, no sentido restrito de noticiar, é reduzida. O que se pretende é dar origem a uma reação no que recebe o meme. O que se pretende é “formar”, afetar. Na maior parte dos casos, o comportamento nas redes segue uma lógica de imitação, de compartilhar *post* e memes como uma espécie de agir aditivo. Nessa sociabilidade baseada em Durkheim, a distinguir de uma socialidade de Maffesoli (Pogam, 1998), o desejo de compartilhamento é quase automático, uma afetividade grupal que a replicação gera. Nesse sentido, numa forma de socialidade, “sociabilidade escolhida” de forma intuitiva, emerge (Pogam, 1998) onde

a geração de afetos seria, portanto, ainda mais importante no processo de comunicação do que o próprio significado transmitido pelo conjunto de materiais que se propaga na rede. Ou seja, as práticas de geração e consumo de ambiências emocionais passam a ser o fulcro deste tipo de interatividade. (Amaral, 2016, p. 99)

3.5. As imagens, as palavras e os afetos

Para pensar as marcas que deixamos no Facebook é necessário distinguir muito bem o que podemos fazer na rede. Ser info-ativista implica usar três ferramentas de expressão de sentido e intervenção que estão intimamente articuladas: as palavras, as imagens e os afetos.

a) Figuras e imagens

Nos tempos anteriores ao capitalismo, dominados pelo monoteísmo religioso, a imagem de Deus era o centro de todas as imagens. Acima de tudo, procurava-se “a salvação”. Hoje, pelo contrário, assistimos a uma multiplicação quase infinita de imagens e fotografias que é consequência da dissolução dessa imagem absoluta de Deus, uma

autêntica fragmentação. O lado sagrado da imagem unificada fragmentou-se. “É a crise das “imagens”, e só depois a das palavras, valores e tudo mais [nomeadamente as ligações e os afetos]. Toda a incerteza provém da incapacidade de as compreender” (Miranda, 2008, p. 154).

Ao criar um meme é necessário pensar que não vivemos uma época de imagens unificadas. Há uma fragmentação que assusta. Uma proliferação sem fim. Como se, por cima de textos e pinturas sagrados, alguém tentasse apagar o palimpsesto com desenhos e apagamentos, detalhes. Nesse sentido, o info-ativista é o que tem a memória necessária para o que vai fazer. Aquele que, apesar de tudo, descobre uma outra unificação, uma outra constelação emergente por detrás da aparente diversificação e fragmentação sem sentido.

b) Palavras

O niilismo moderno, nos seus efeitos, “não abalou apenas as grandes palavras, como verdade, deus ou razão. Desprendeu-as das fortes cadeias que as acorrentavam a histórias bem precisas, que as modalizavam, diminuindo a ambiguidade que tudo atinge” (Miranda, 2008, p. 109). As palavras e as imagens tinham uma unidade, ligavam-se a um comum, a uma polis. Nos tempos que correm, o niilismo abalou com essa coerência, criando de algum modo vazios que procuram outras narrativas que diminuam a terrível marca de esquecimento que a escrita imprime ao ato da fala. Numa palavra, procura “diminuir a ambiguidade que tudo atinge” (Miranda, 2008, p. 109) sem se deixar capturar pela fragmentação que é mais aparente do que real.

De algum modo, devemos dizer que toda a palavra tem sempre em si uma imagem e um afeto. A linguagem humana distingue-se de outras linguagens pelo seu grau de abstração. As palavras são como um veneno que todos temos de tragar, um veneno que, simultaneamente, é um remédio contra a perda da memória. A sua desconexão de outras linguagens ligadas ao corpo e às emoções transforma a sua capacidade

numa entropia sem fim. A linguagem humana está intimamente associada a uma visão global e *gestáltica* que apenas poderá ser compreendida através da sua íntima ligação com as imagens e os afetos das ligações.

c) Ligações e afetos

Trata-se de pensar as ligações a partir do corpo, das sensações do corpo até aos seus limites. Um pensamento que permita visualizar a cristalização das ligações que emerge nos conceitos, imagens e figuras. Como diz Bragança de Miranda (2008), “as ligações tendem para a cristalização através de conceitos, imagens e figuras que as ocultam e dissimulam” (Miranda, 2008, p. 82).

Considerar o corpo, no sentido da corporeidade ontológica e transdisciplinar, como ponto de partida e de chegada, próximo da noção de “afeto do corpo” em Bento de Espinosa:

Por afeto (*affectum*) entendo as afeções (*affectiones*) do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as ideias dessas afeções. Quando, por conseguinte, conseguimos ser a causa adequada de uma dessas afeções, por afeto entendo uma ação; nos outros casos, uma paixão. (Espinosa, *Ética III (Def. Iii)* citado em Hermann, 1918, p. 2)

Nas palavras de um psicólogo,

uma paixão alegre é resultado de uma causa externa, daí a necessidade de encontros com outros corpos. Pode ser o encontro com uma árvore, um bicho, um poema, um trecho de um livro, um filme, um pensamento... alguém. Corpo aqui é tudo que em contato consigo mesmo é capaz de gerar uma afetação. (Dutra, 2015, s.p.)

Capaz de ter um efeito, de marcar, de ficar na memória.

Falar em ética das paixões, e especificamente de um cultivo das boas paixões, implica falar de encontros que produzam paixões alegres. Uma boa vida trata-se muito mais de uma seleção de bons encontros do que

uma questão de se empanturrar com títulos e mais títulos como costuma nos passar o modelo dominante de vida. É verdade que o saber nos possibilitaria selecionar melhor os encontros, isso em tese, pois por si só o saber não aumenta a potência de um corpo se a relação com este saber é direcionada para uma melhor adaptação em sociedade. A nossa sociedade é, por excelência, uma máquina de produzir paixões tristes, pois somente entristecendo os corpos é possível manter estruturas de dominação e hierarquia. (Dutra, 2015, s.p.)

Nesse sentido, podemos assumir como ponto de partida uma espécie de percepção que não sendo antropocêntrica, toma consciência do caráter perceptivo humanizado do nosso mundo que apresenta características que a diferenciam do resto dos habitantes do planeta. A sua capacidade autorreflexiva.

Walter Benjamin (2013) descreve uma relação antiga, uma nostalgia que foi perdida, um êxtase. Saber ter o “êxtase com o cosmos”. Uma “relação antiga com o cosmos, a experiência pela qual nos asseguramos do que há de mais próximo e de mais distante, e nunca de uma coisa sem a outra” (Benjamin, 2013, p. 64). Uma nostalgia que não implica passividade contemplativa. É uma passividade ativa, porque se assume como nova forma de cidadania de micro/macro resistência, de criar a sensação do comum, do solidário.

Mas isso significa que só em comunidade o homem pode comunicar com o cosmos em êxtase. A desorientação que ameaça os modernos vem-lhe de considerarem essa experiência irrelevante e desprezível e de a verem apenas como vivência contemplativa individual em belas noites estreladas. (Benjamin, 2013, p. 64)

Ao assumirem o diálogo, uma nova sensologia (Perniola, 2005, p. 21), “os movimentos net-ativistas são portadores de um novo tipo de agregação que se expressa através de uma nova ecologia” (Felice, 2013, p. 64). Uma outra forma de ser.

Recusa-se um pensamento desenraizado e cada vez mais distante da imanência do mundo. Mas antes um pensamento que assume o

caráter ontológico do “aqui e agora”. É uma nova sacralidade, uma nova divisão entre sagrado e profano. É um sagrado que se vê obrigado a profanar uma falsa ligação, sem afetos (Agamben, 2011), utilizando o sentido de humor, uma estética do “feio”, uma experimentação estética que mistura vários registos potenciado pelas características das redes digitais. É, por outro lado, ter uma percepção nítida e não-antropocêntrica da complexidade o que nos pode provocar uma compaixão generalizada. Uma consciência ecológica profunda que não é apenas uma experiência individual de tipo místico. Une-nos com o universo e com o resto da raça humana. Um saber escutar a inteligência que habita o universo.

3.6. Deserção, expressivismo e experimentações no ativismo estético nas redes

O info-ativismo estético como uma deserção paradoxal e constituinte em torno de três noções: deserção da militância e do ativismo tradicional; a expressividade, com os seus graus e formas; e, por fim, as atualizações, as experimentações centradas no “aqui e agora”, no “faz tu próprio”.

Três conceitos parecem-nos particularmente interessantes para explicar estas formas de ação que cobrem o que será chamado de ativismo eletrónico - ou ‘hacktivismo’. O tríptico “deserção”, “expressivismo” e “experimentação”. (Allard & Blondeau, 2007, p. 247)

O primeiro a ser estudado é o conceito de “deserção”. Pensar em termos de grau de envolvimento e que tipo. Deixa de ser encarado como uma espécie de perda irremediável. Surge a “deserção constituinte”, que deserta de um ativismo pouco auto-constituinte para outros meios, outra expressão mais livre e outro “ser”.

A deserção vem re-problematizar positivamente as hipóteses sobre a destituição militante pensada demasiadas vezes em termos da perda do grande “nós” ou da desfiliação. Para a gramática nostálgica da perda, a hipótese de “deserção constituinte” permite-nos vislumbrar uma

multiplicidade de projetos políticos realizados por outros meios e reportórios, incluindo a técnica, o código informático, a ressignificação digital. (Allard & Blondeau, 2007, p. 247)

O expressionismo implica uma procura de formas de expressão e estar em grupo que não se confundem com o modelo de tipo militante do século XX.

O tema do expressivismo resolveria, por outro lado, a tensão contemporânea, comumente observável, entre a busca da autonomia individual e a mobilização coletiva, através da comunicação de uma ação política em nome próprio que, por si só, renova efetivamente o registo de causas e motivos, abrindo o “poder dizer” a todos, fora de qualquer monopólio da autoridade patenteada. (Allard & Blondeau, 2007, p. 247)

Uma nova forma de ativismo que passa por experimentações, formas muito fluídas de “agir”, abandonando a ilusão utópica de uma internet democrática.

Por último, através da noção de experimentação, trata-se de romper com uma conceção progressista da tecnologia e, por conseguinte, contornar a ideia de que a política assistida pela tecnologia se reencantaria e modernizaria a democracia. (Allard & Blondeau, 2007, p. 247)

Numa palavra, abandona-se a ilusão da inovação técnica e a utopia da internet para se adotar uma lógica de experimentação, aqui e agora.

Substituindo o horizonte da inovação técnica pelo “aqui e agora” das experimentações tecno-políticas que vieram densificar uma forma de vida democrática, trata-se também de reconectar-se com uma cultura de curiosidade que a grande narrativa científica obscureceu e que, no entanto, parece uma das condições para compreender como, na era do expressivismo generalizado, a política nem sempre se assemelha à política e se conjuga com o êxodo e o “do it yourself”, “faz tu próprio”. (Allard & Blondeau, 2007, p. 248)

Como diz Ilda Teresa de Castro (2018),

há a vertente do ativismo, do posicionamento em prol de uma mudança de paradigma ecosófico, da utilização da rede como um meio de ação nesse sentido, no sentido que o Bateson e depois Guattari e até Teillard Chardin tinham preconizado, imaginado. E também a vertente de expressão estética-criativa, uma montra para essa apresentação e partilha.

Nestas comunidades ciborgues, ainda “é possível desenvolver uma comunidade de afetos alternativa a esse mainstream social e que se pode ramificar em conteúdos vários: mais poéticos, mais filosóficos, mais intervencionistas, mais reflexivos, mais estéticos” (2018, s.p.). São partilhas que, ainda segundo Ilda Teresa de Castro, “recebem uma boa adesão/manifestação de afetos em quantidade” (2018, s.p.).

Mas também se pode discernir, nessas duas vertentes (ecológica e estética), um espaço paralelo em que se ensaia uma estética do feio, uma estética política,

um outro espaço também paralelo em que se estima ter poucas manifestações de afetos uma espécie de contra-corrente total. Uma série C dentro do bom gosto, ou como ainda maior bom gosto, ou como bom gosto de algo estranho, ou mais personificado ou algo assim. Um bocado, o curtir navegar na estranheza. (de Castro, 2018, s.p.)

Navegar na estranheza, criar diferença, nomeadamente com uma “estética do feio, do marginal, do non-sense”(Castro, 2018, s.p.).

4. Conclusão

Em relação à metodologia, tudo indica que o uso de ferramentas qualitativas de investigação-experimental, uso da auto-etnografia e o envolvimento pessoal na pesquisa, de forma ética e epistemologicamente controlada, envolve os agentes principais e, acima de tudo, a serem capazes de esboçar e comparar experimentações metodologicamente controladas e dialógicas.

Nesse sentido, devemos ser capazes de pensar o ativismo em termos de graus de diferentes intensidades, no grau de “deserção”, nas formas de expressão e no nível de experimentação.

O primeiro diz respeito ao grau de deserção relativamente a modos de ser ativista muito ligados ao que as palavras dizem, aos conteúdos. O segundo é relativo à forma como se expressam e permitem formas mais dialógicas que combinem a autonomia com os valores identitários do grupo, uma tensão a ser gerida com os afetos, com o diálogo.

A ideia de rede de diálogo, ao contrário, enfatiza a necessidade de pensar a qualidade do social desenvolvida pelos movimentos net-ativistas que constroem suas ações através da constituição de uma complexa ecologia que reúne e agregam humanos, circuitos informativos, interfaces, dispositivos de conexões, banco de dados, social network, imprensa, mídias, etc. (Felice, 2013, p. 64)

Finalmente, no terceiro, torna-se necessário tentar compreender o grau de experimentação como um ecossistema e como ele se articula com os dois anteriores: grau e tipo de deserção e formas de expressão mais ou menos dialógicas. Numa palavra, o ativismo estético pode desenhar-se como um ativismo dialógico que não se preocupa apenas com a disseminação, o número de likes, mas também e, principalmente, com o que “actua”, qual a forma dialógica de interação que se privilegia, com o *engagement* mais profundo.

Muitas vezes é considerado “deserção” o abandono da antiga “luta militante” molar. No entanto, e com um lado paradoxal, emerge, de algum modo, uma deserção criativa que ganha o poder instituinte, auto-regulado. Que se multiplica de forma subterrânea, em formas criativas de expressividade, usando o *punctum*, a estética do feio e do choque, promovendo experimentações em rede e de forma participada e sentida.

No limite, mesmo o mais isolado dos cidadãos e, precisamente por essa situação de isolamento em tempos de comunicação frenética, pode ter um efeito maior em termos de memória e de afeto, do que um

frenético ativista numa luta em constante aceleração pelos “direitos dos mais pobres e excluídos”. Não é pela quantidade maior de ações, de publicações e outras formas de memes que deve ser medida a intensidade in-formacional.

Neste sentido, o ermita esteta criador pela marca que provoca em outros mais atentos, pode ter um efeito maior do que a atividade de milhares numa entrópica atividade. Há casos em que essa descrição permite alumiar indiretamente outras redes emergentes. O que interessa não é a quantidade de palavras ou imagens que informamos os outros, mas a qualidade dessas informações, marcas (palavras e imagens) e afetos. Numa palavra, escolher que memórias deixamos. A resposta a essa pergunta remete-nos justamente para a importância dos memes e para valorizar a intensidade e constância dos afetos gerados. Temas que desenvolvo no meu outro texto, neste manual.

Referências bibliográficas

- Agamben, G. (2009). *O que é ser Contemporâneo*. Retirado de https://www.academia.edu/33081644/O_QUE_%C3%89_SER_CONTEMPORANEO_DE_AGAMBEN
- Agamben, G. (2011), Política da profanação *versus* religião do consumo, *Revista Instituto Humanitas*. Retirado de <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/501989-giorgio-agamben-politica-da-profanacao-versus-religiao-do-consumo>
- Allard, L. & Blondeau, O. (2007). L'activisme contemporain: défection, expressivisme, expérimentation. *Collège international de Philosophie. Rue Descartes*. 55, pp. 47-58.
- Alvim, D. M. (2012). A megamáquina política: poder, resistência e deserção. *Kinesis*, Vol. IV (07), pp. 303-319.
- Amaral, A. (2008). “Autoetnografia e Inserção Online. O Papel do ‘Pesquisador Insider’ nas Práticas Comunicacionais das Subculturas da Web”, XVII COMPÓS. São Paulo: Biblioteca da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Retirado de http://www.compos.org.br/data/biblioteca_315.pdf
- Amaral, L. (2016). As apropriações do gif animado: aspectos culturais, expressivos e afetivos dos usos de uma tecnologia defasada. Dissertação de Mestra-

- do, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/142516>
- Barthes, R. (2015). *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Lisboa: Edições 70.
- Bateson, G. (1972). *Steps to an Ecology of Mind*, 2a ed.. Northvale, New Jersey: Jason Aronson Inc., 1987.
- Baudrillard, J. (1988). *Selected Writings*. Stanford: Stanford University Press.
- Benjamin, W. (2013). “Para o planetário”, in Walter Benjamin, *Rua de mão única. Infância berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Bogalheiro, M. (2020). Nostalgia, o cancelamento do futuro e o arquivo paradoxal. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 52, pp. 105-124.
- Brahm, D. C. (2008). Review of the book “Organized Networks: Media Theory, Creative Labour, New Institutions”, de Ned Rossiter. Retirado de <http://rccs.usfca.edu/bookinfo.asp?ReviewID=535&BookID=388>
- Braga, J. L. (2008). Comunicação, disciplina indiciária. *MATRIZES*, 2, pp. 73-88.
- Carreta, A. (2013). Reflexões sobre infoativismo no contexto da Ciência da Informação Retirado de <https://netativismo.files.wordpress.com/2013/05/anais-completo2.pdf>
- Corrêa, E. (2008). Reflexões para uma Epistemologia da Comunicação Digital. *Observatório (OBS*)*, 4, pp. 307-320. DOI: [<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/116/142>].
- Castro, I. T. (2018). Modos e Maneiras no Capitaloceno – conversa com J. Baird Callicott. *Animália. Vegetália. Minerália*. Retirado de <https://animaliavegetaliamineralia.org/ecomedia/>
- Costa, P. R. (2020a). Rumo à imitação sustentável? *Comunitas Think Tank*. CECS, Instituto de Ciências sociais: Braga. Retirado de <http://www.comunitas.pt/ideia/rumo-a-imitacao-sustentavel>
- Costa, P. R. (2020b). Impactos da captologia. Problemáticas, desafios e algumas consequências do “dar vistas” ao ecrã em rede. *Sociologia Online*, 23(1), pp. 74-94. DOI: <https://10.30553/sociologiaonline.2020.23.4>
- Costa, P. R. (2020c). Uma cartografia do ódio no Facebook: gatilhos, insultos e imitações. *Comunicação Pública*, 15(29), 01-28. <https://journals.openedition.org/cp/11367>
- Costa, P. R. (2020d). Eu sou tu. Tu és intelecto contingente. In J. P. Neves; P. R. COSTA; P. de V. Mascarenhas; I. T. de Castro & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 269-292). Braga: CECS. <http://hdl.handle.net/1822/68783>
- Costa, P. R. (2020e). A presença de arquétipos nos YouTubers: modos e estratégias de influência. *Galáxia*, 45, pp. 5-19. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532020347613>

- Costa, P. R. (2021). A sociedade enquanto duelo de imitações. Uma releitura de Tarde, G. (1978 [1890]). As leis da imitação. Porto: Rés Editora. Revista Ciências Humanas, 14 (2): 1-10. DOI: <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2121.v14.n2.a792>
- Dutra, A. (2015). *Por uma ética das paixões alegres*. Retirado de <http://letraefilsofia.com.br/por-uma-etica-das-paixoes-alegres/>
- Felice, M. D. (2013). Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. *Matrizes*, 7, pp. 49-71
- Felinto, E. (2013). Grumpy Cat: Grande Mestre Zen da Geração Digital: Afetos e Materialidades da Imagem Memética. Anais da XI Semana da Imagem na Comunicação. Unisinos. Retirado de https://www.academia.edu/3879345/Grumpy_Cat_Grande_Mestre_Zen_da_Gera%C3%A7%C3%A3o_Digital_Afetos_e_Materialidades_da_Imagem_Mem%C3%A9tica
- Fischer, H. (2008). “2B OR NOT TO BE DIGITAL”, in http://www.hervefischer.net/text_en.php?id=5 [consultado em 15 de Outubro de 2008].
- Flusser, V. (2011). *Filosofia da Caixa Preta. Ensaios Para Uma Futura Filosofia da Fotografia*. São Paulo: Annablume.
- Froes, D. (2012). *Infoativismo*. Retirado de <https://coletivo103.wordpress.com/2012/01/04/infoativismo/>
- Ginzburg, C. (1990). “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Heidenreich, S. (2016), “Freeportism as Style and Ideology: Post-Internet and Speculative Realism, Part I,” *E-Flux* 71 (March), pp. 1 e 2. Retirado de https://www.academia.edu/40518589/Freeportism_as_Style_and_Ideology_Post-Internet_and_Speculative_Realism_Part_I
- Hermann, N. (1918). O enlace entre corpo, ética e estética, Actas do 38º Reunião da ANPED. Retirado de http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT17_205.pdf
- Hernández, E. (2014). “Monedero discute con Pablo Iglesias acerca de ‘Juego de tronos’”, Retidado de http://www.elconfidencial.com/alma-corazon-vida/2014-07-07/monedero-discute-con-pablo-iglesias-acerca-de-juego-de-tronos_156763/
- Hodkinson, P. (2005). Insider research in the study of youth cultures. *Journal of Youth Studies*, 8. (2), pp. 131-149.
- Latour, B. (2006). Como prosseguir a tarefa de delinear associações? *Configurações*, n. 2, pp. 11-27. Tradução de José Pinheiro Neves e Luís Tavares. [Tradução do texto “Introduction: How to resume the task of tracing associations”, in Bruno Latour (2005), *Reassembling the Social – An introduction to Actor-Network-Theory*, Oxford, Oxford University Press, pp. 1-17].
- McLuhan, M. (2001). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix.

- Martins, M.L. (2020, 18 de maio). O Coronavírus, a tecnologia e a democracia. *Correio do Minho*. Retirado de <https://correiodominho.pt/cronicas/o-coronavirus-a-tecnologia-e-a-democracia/12300>
- Miranda, J. B. (2002). *Teoria de Cultura*. Lisboa: Edições Século XXI.
- Miranda, J. B. (2008). *Envios. Uma Experimentação Filosófica na Internet*. Lisboa: Nova Vega.
- Miranda, J. B. (2010) Activismo em rede, globalização e transdução. In Álvares, C.; Damásio, M. J. (org.). *Teorias e Práticas dos Media: Situando o Local no Global*, (pp. 251-266). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas..
- Miranda, J. B. (2017). *A Constelação como Método do Contemporâneo: Netativismo*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Negri, A. (29 de Junho,1997). Direita e esquerda na era pós-fordista: mudanças na esfera da produção levam a novas formas de organização e atuação políticas. *Folha de São Paulo*, Retirado de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/6/29/mais!/3.html>
- Neves, J. P., Costa, P. R. (2010). A Individuação Eco(socio)lógica na Pós-Modernidade. *Comunicação e Sociedade*, 18, pp. 173-192. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/view/997>
- Neves, J. P. & Costa, P. R. (2020). Eu sou tu. Uma ecossociologia da individuação. In J. P. Neves; P. R. Costa; P. de V. Mascarenhas; I. T. de Castro & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 25-48). Braga: CECS. DOI: <http://10.21814/1822.68550>
- Neves, J., P. & Pinheiro. L. (2009). A emergência do cyberbullying. Uma primeira aproximação. 6º SOPCOM. Retirado de http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/279/254 .
- Perniola, M. (2005). *O Sex Appeal do Inorgânico*. São Paulo: Studio Nobel.
- Pinheiro, L., Neves, J. P., & Martins, M. L. (2012). Ter como Palco de Fundo as Redes Sociais. Desafios Metodológicos: Como o Observado Muda o Observador. Sobre Comunicação e Cultura: I Jornadas de Doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais. Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, pp. 147-155.
- Pogam, Y. L. (1998), Michel Maffesoli, analyste de la socialité emergente. *Corps et culture*, 3 <http://journals.openedition.org/corpsculture/522>.
- Recuero, R. (2012). “Memes em weblogs. Proposta de uma taxonomia” Retrieved from <http://www.raquelrecuero.com/compos2006.pdf> . Acedido em 5 de Março de 2012.
- Recuero, R. (2014). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Recuero, R. (2017). *Introdução à análise de redes sociais*. São Salvador: EDUFBA.
- Sampson, T. (2012). *Virality: Contagion Theory in the Age of Networks*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

- Santos, S. (2017). O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios, *PLURAL-Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, 24(1), pp. 214-241.
- Shannon, C. E. (1948). A Mathematical Theory of Communication, *Bell System Technical Journal*, 27, pp. 379-423, 623-656. <http://people.math.harvard.edu/~ctm/home/text/others/shannon/entropy/entropy.pdf>
- Tarde, G. (1978). *As leis da imitação*. Porto: Rés Editora.
- TCAV (2013). “Erick Felinto, Grumpy Cat e a lógica dos memes”, 22 de Maio de 2013. in <http://tecnoculturaaudiovisual.com.br/?p=13142>. Acedido em 7 de julho de 2014.
- Virno, P. (2009). Multidão e princípio de individuação. *Lugar Comum*. 19/20, pp. 27-40. Retirado de <https://docero.com.br/doc/sx8c1cx>
- Wikipédia (2019). *Meme (internet)*, Retirado de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet))
- Zuboff, S. (2015). Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization, *Journal of Information Technology*. 30 (1), pp. 75-89. DOI: <https://doi.org/10.1057/jit.2015.5>

